

115^e-63

Alto Montu



Monsieur Fernando Pessoa
escritorio "A. Xavier Pinto & Cia
43 Campo das Cebo-las

24 1815

Lisbonne

(Portugal)





115⁶⁴

Paris - Agosto 1915

Dia 24

Meu querido Amigo,

Esta manhã recebi a sua admirável
carta de 13-20 do corrente. Longo-
pr'meiro que tudo sobre você, muito,
por supor que me pode fazer com
a exposição da crise que agita a
seu espirito, presentemente. Mas além
da hora que a posse dessas paginas
me emociona - como e' belo e grande
e luminoso e perturbador - artisticamente,
mesmo: o novelista em mim o garante - Tudo
quanto o meu querido Fernando Pessoa
de si me conta. Pohe a minha impressã -
e digo-me tudo nela -? Nunca, emo lendo
as suas paginas hoje recebidas eu compreendi
a misteriosa frase do protagonista do

Do Eu. Proprio o livro: a Ter. me. lei vindo uma uação? "Ji o ano pas-
sado de certo numa carta p^a aqui foi voce o 1^o a applicar esta frase a
si. Mas era, pois, sobretudo pelo aparecimento de Caetano & Cia. - isto e', restrito -
mente: da criação de varias personalidades - Enquanto que eu apelo hoje
a frase, sentia-a sendo as suas paginas, não por essas varias personalidades,
e o sr. leva a frente, criadas: mas, em conjunto, pelo drama que se passa no
seu pensamento: e por toda a sua vida intellectual - e ate' social, que eu conheço.
E assim meu querido Fernando Pessoa que se estivessemos em 1830 e eu fosse
H. de Balzac lhe dedicaria um livro da minha Comedia Humana onde voce
figuraria como o Homem-Único - o Prometeu que dentro do seu mundo interior
de genio arrastaria toda uma nacionalidade: um raça e uma civilização.
E é liricamente este ultimo substantivo que me evoca toda a sua
grandeza: "toda uma civilização", e meu querido amigo, o que voce hoje
perturbadoramente de me figura. São visíveis talvez as frases acima -
elas porém exprimem o que eu sinto: que sejem um pouco "rastas", os termos
que emprego e'les são os q^{ue} melhor exprimem o que eu quero dizer. E é um di-
tando em paginas como as que hoje recebi - procurando rasgar veis ainda po-
além dellas - que eu verifico a nossa grandeza, mas, perante voce, a minha
inferioridade. Pois, meu querido amigo - é voce a uação, a civilização -
e eu sou a grande Sala Real, atapada e multicolor - a Setins
e a esmeraldas - as douraduras e marchetagens. Nem mesmo quereria
ser mais... E se-lo-hei? Não: tem medo o meu querido amigo, confia-
me, na crêta em que ora se debate de se haver enganado: pois
p^ali criar helem não o tudo, e' muito pouco - q^{ue} "helera", a ferro
e fogo eu juro que voce criou. A meu olhos pois o seu meo o
pode unicamente ser o de haver "criado helem errado". (Está
certo que não, nem assim - e' uma hipótese a minha suposição:
um dia breve voce encontrará a linha que apontará tudo quanto
havia antagonico no seu espirito e tirará a prova real da
sua "raça"). Mas o meu caso e' bem mais tenaz a certas horas:
1^a e um basta-me a helem - e mesmo errada, fundamentalmente
errada. Mas helem: helem retumbante de destaque e brilho,
infinita de espelhos, curvas de mil cores - m^{to} veruiz e m^{to}
ouro: teatro de magias e apoteses com rodas de fogo e corpos
nus, Medo e Inamulismo, destrambellus vord'nicos encalhando
através de tudo. Foi esta a vida da minha obra. Creio tê-la
ganho as veis. Mas a estas horas... E obry-me então perdido sobre
as minhas paginas impressas: não a ver se elas estão "erradas" -
pouco importante - mas a ver se na verdade fascinaram pelas
seus labores coloridos a criação febril que as foheasse: como
eu havia esperado aos 9 annos para lá sendo e sendo, fil Braz
de Santilhana: porj a edição era ilustrada com litografias mul-
ti-colores... Certo que a um duma d'ella, por-ly nunca o esqui-
e isto não e' literatura - era apenas espectaculo literario duma realidade de:
e quem me dirá se me enganou ou não. Perturbador enigma... Confiança...
mas quero de modo algum profanar a sua obra com mais curiosas
pessoas. Apenas lhe digo que me emocionou profundamente, que p^alo tê-la tirado

